

Ramos

Edgard de Assis Carvalho

Michel Serres

Ramos

Tradução Edgard de Assis Carvalho/Mariza Perassi Bosco.

Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008, 224p.

Originalmente publicado em 2004, *Ramos* é o quarto volume da tetralogia *Variações sobre o corpo* (1999) *Hominescências*, (2001), e *O Incandescente* (2003). A partir da constatação de que o mundo globalizado atual carece de criatividade e de que é urgente reinventar a universalidade das relações dos homens com a totalidade planetária, Serres nos incita a repensar o cotidiano sem distinções e fragmentações entre ciências, artes, culturas e religiões, tão a gosto do dispositivo cartesiano que comanda os saberes contemporâneos.

Em duas grandes partes – Sistema e Narrativa – distribuídas em seis capítulos, esse ensaio cercado de otimismo e esperança nos leva a refletir sobre ações e decisões que assumimos em nosso dia-a-dia que, apenas no plano das aparências, parecem restritas à repetição monótona de padrões, ritmos, códigos, números, notas. Na primeira parte, a idéia de formato é central para a fundamentação da argumentação. Sempre estamos cercados por formatos: em casa, no trabalho, na afetividade, na política. As raízes que sustentam o formato-pai, a ciência-filha e o filho adotivo condicionam a percepção global da Grande Narrativa na qual estamos todos inseridos. Nem sempre as relações pai-filho são pacíficas. Muitas vezes explodem revoltas que

podem paralisar sujeitos e coletividades, mas também impulsioná-los para novas reorganizações cognitivas, psíquicas, amorosas.

Na segunda, mergulhamos na arborescência universal dos acontecimentos. A física da Terra produziu extinções, mas também emergências de novas espécies vivas, como se causas locais e efeitos universais, causas físicas e efeitos biológicos estivessem inextricavelmente ligados. Por isso, os pensadores – artistas, cientistas, filósofos – sempre imaginam, inventam, projetam. Nunca desistem, mesmo que a melancolia, o tédio e a revolta por vezes os invadam. Reais ou imaginárias, suas narrativas atravessam a flecha do tempo e formatam a biblioteca universal da vida. Sempre há novidades, desafios, ramificações. A incerteza do futuro impõe um novo contrato natural e uma ética capaz de superar as contingências adversas do presente, antes que seja tarde demais. Como afirma Serres, a evolução sempre acaba por produzir um produtor de evolução.

Ensaísta consagrado, seu estilo transdisciplinar faz com que as barreiras e limites disciplinares das ciências sociais caiam por terra. Serres possui um estilo de escrita que comprova mais uma vez o fato de que a clareza da linguagem é fundamental para que a almejada mudança de paradigma não fique restrita a uma mera intenção da tecnoburocracia do pensamento. Se a prudência sempre contempla a eventualidade do naufrágio, sair do conforto dos lugares disciplinares nos liberta do sono letárgico e nos prepara para a retomada da criatividade e para o reencantamento dos saberes, e isso sem nenhuma forma de profetismo ou proselitismo.